

SINODALIDADE E PROFECIA: O CLAMOR DA PERIFERIA NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO



SYNODALITY AND PROPHECY: THE CLAMOR OF THE PERIPHERY IN THE PONTIFICATE OF POPE FRANCIS

*José Artur Tavares de Brito*¹

Resumo

O presente artigo busca analisar a figura do Papa Francisco que faz dos pobres uma questão primeira e central na vida da igreja e de seu pontificado. A preocupação primeira do Papa Francisco não é sua autoridade ou imagem pública, nem a doutrina da Igreja ou discursos bem arquitetados, mas o sofrimento e causa dos pobres no mundo, que são a causa de Deus. Nesse sentido, urge “uma igreja pobre e para os pobres” reais, não virtuais. A dimensão eucarística passa a ter uma centralidade na ação do povo cristão.

Palavras-chave: espiritualidade libertadora; eucaristia e igreja; teologia da libertação; pobre e libertação.

Abstract

This article seeks to analyze the figure of Pope Francis, who makes the poor a primary and central issue in the life of the Church and his pontificate. Pope Francis' primary concern is not his authority or public image, nor the Church's doctrine or well-crafted speeches, but the suffering and cause of the poor in the world, who are the cause of God. In this sense, there is an urgent need for “a church that is poor and for the poor” - real, not virtual. The Eucharistic dimension becomes central to the actions of the Christian people.

Keywords: liberating spirituality; eucharist and church; liberation theology; the poor and liberation.

1 INTRODUÇÃO

A sinodalidade é uma dinâmica de circularidade fecunda. Um dinamismo de comunhão que inspira todas as decisões eclesiais (Papa Francisco, Sínodo dos bispos, em 2023).

O Papa Francisco entende a Igreja “constitutivamente sinodal”, ou seja, “uma Igreja em sínodo permanente” uma Igreja na perspectiva povo de Deus, genuinamente constituída a partir do Concílio Vaticano II. Para ele, é fundamental ouvir e dar a voz àqueles que nunca

¹Doutor em Ciências da Religião pela UNICAP e Mestre em Antropologia pela UFPE; Licenciado em Filosofia pela UNICAP; Bacharelado em Filosofia pela UNICAP e Bacharelado em Teologia pelo Instituto de Teologia do Recife - ITER; Especialista (SENAC) e docente (UNICAP) em EaD; prof. do Curso de Teologia na UNICAP e integrante do Instituto Humanitas - IHU UNICAP; prof. Extensionista; pesquisador do Grupo de pesquisa UNICAP/CNPq Religiões, identidades e diálogos, na linha de pesquisa Diálogos inter-religiosos; membro do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste – GPPN. E-mail: arturperegrino@gmail.com / artur.peregrino@unicap.br

tiveram a palavra e nunca foram ouvidos na Igreja: os leigos e leigas. Trata-se de “ouvir o povo”, de “escutar a totalidade dos batizados”, sempre a partir de baixo.

Já é bastante conhecida uma certa divisão que se faz na atual Igreja romano-católica. São apresentados dois modelos de organizar a comunidade dos fiéis. Dito numa linguagem de fácil visualização: o modelo de uma Igreja-sociedade de fiéis, que se concentra no clericalismo, e uma Igreja-comunhão entre todos os fiéis, que se afirma pela solidariedade e presença junto aos pobres.

A dimensão profética do pontificado do Papa Francisco apareceu na sua primeira viagem fora de Roma, em 2013. Ele escolheu a ilha Lampedusa, no sul da Itália, como destino, demonstrando solidariedade com dezenas de milhares de refugiados que, a cada ano, enfrentam uma perigosa jornada em frágeis barcos. É a partir desse contexto que emerge a figura do Papa Francisco como pastor e profeta.

2 O PAPA FRANCISCO E A PROFECIA NA IGREJA

No mundo da revolução tecnológica e da informática, da “globalização” da economia, do neoliberalismo e do pretensão pós-modernismo, há lugar para os que hoje são pobres e marginalizados, que buscam libertar-se de uma situação desumana que espezinha sua condição de pessoas e filhos de Deus? (Gustavo Gutiérrez, Teologia da Libertação).

No pontificado do Papa Francisco, tem sido recorrente, tanto em suas ações quanto em suas mensagens, uma inédita sensibilidade para com população social e economicamente empobrecida. Ele é muito claro ao afirmar que, onde falta a profecia, falta a própria vida de Deus, e sobressai o clericalismo. Não tenhamos dúvidas: o maior problema da Igreja hoje é o clericalismo. Na sua lucidez pastoral, o padre Reginaldo Veloso, de saudosa lembrança, já nos advertia:

Quem ignora que o clericalismo foi o alvo contra o qual Jesus investiu com mais força e insistência, ao anunciar no seu tempo, mas para todos os tempos, o Reino de Deus, como boa notícia para os pobres e marginalizados? Quem duvida que essa tenha sido a causa principal da sua morte na cruz? (Veloso, 2001, p. 240).

Sabemos que a Ressurreição de Jesus foi a consagração da sua proposta de uma sociedade e de uma Igreja sem “mestres” e sem “pais”, “pois um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos” e “um só é o vosso Pai, o celeste” (Mt 23,8-9).

O Concílio Vaticano II apenas iniciou o processo de destronar nossas esclerosadas estruturas. Mas logo assistimos, no pós-concílio, não sem um profundo sentimento de frustração, à retomada do clericalismo. Estamos diante de uma volta à Cristandade. As celebrações litúrgicas são um exemplo explícito disso e que está espalhada pelos poros dos mais diversos ambientes eclesiais.

Um problema grave na igreja é o clericalismo, que é primo irmão do carreirismo. Para Francisco, o clericalismo não tem nada a ver com cristianismo. Ele adverte que “na maioria dos casos, o clericalismo trata-se de uma cumplicidade viciosa: o padre clericaliza o leigo e, o leigo, lhe pede o favor de o clericalizar, porque, no fundo, lhe é mais cômodo” (Francisco, 2013). O Papa Francisco deseja que os pastores, padres e bispos tenham *cheiro de ovelhas*, quer dizer, que andem no meio do povo e sejam testemunhos da *alegria do evangelho*, uma categoria essencial de sua pregação.

Por fim, Francisco convida todos a fazerem a *revolução da ternura e da misericórdia*, acolhendo a todos com o coração aberto, exercendo a misericórdia ilimitada diante dos que fracassaram e pecaram, mostrando-se como o pai do filho pródigo, que se alegrou com o filho que se perdeu e voltou à casa paterna.

É necessário dar uma resposta aos apelos das Comunidades Eclesiais de Base e das pastorais sociais, por exemplo. É urgentíssimo, para tanto, reencontrar o pensamento e a proposta de Jesus de Nazaré na sua singeleza, na sua inteireza e radicalidade.

Em um brevíssimo relato histórico, sabemos que o João Paulo II, ao longo de seus quase 27 anos de pontificado, dedicou importantes esforços a deslegitimar a Teologia da Libertação e desmontar a prática pastoral articulada em torno das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Em contraste, Francisco, em poucos anos, consolidou uma preferencial interlocução com os “movimentos populares” do sul do mundo.

Muitos estudiosos já escreveram sobre as características que são expressivas no Papa Francisco. Ele trouxe uma *primavera* para a Igreja, após um longo inverno representado pelos pontificados de João Paulo II e de Bento XVI, Papas que marcaram a volta à grande disciplina e às doutrinas severas. Francisco tem feito da igreja uma casa *com portas e janelas abertas* no lugar de uma fortaleza fechada e imaginariamente cercada de inimigos. Segundo Leonardo Boff:

A dimensão dia-bólica e sim-bólica não poupou o cristianismo. Às vezes, a dia-bólica ganhou proporções funestas que nada tinham a ver com o legado de Jesus: outras vezes, a sim-bólica alcançou os píncaros da perfeição e mostrou a possibilidade da antecipação, mesmo que parcial, do Reino de Deus. Aí estão os santos e santas, os mártires, os místicos e a piedade de tanta gente simples que tomaram e tomam a sério a causa de Jesus (Boff, 2011, p. 147).

O Papa Francisco é a principal liderança mundial em oposição ao ódio, ao preconceito e à indolência e que tem denunciado o sistema capitalista como sendo o responsável pelo aumento do desemprego, fome e desigualdade social. Um marco profético de seu papado foram os encontros com os movimentos sociais. Francisco afirma que o mundo pode ser visto mais claramente a partir das periferias. Trata-se de uma convocação para ouvirmos o clamor da periferia porque nos permite compreender melhor o sofrimento do mundo.

A sinodalidade universal, que diz respeito à reforma das estruturas da Igreja a partir de dentro e de baixo, ilumina a caminhada dos cristãos que celebram e colocam Jesus como centro e impulsionador da caminhada.

3 SINODALIDADE E EUCARISTIA: “ONDE DOIS OU TRÊS ESTIVEREM REUNIDOS EM MEU NOME, ALI ESTOU EU NO MEIO DELES” (MT 18,20), OU SEJA, DA PRESENÇA REAL DO SENHOR NA CEIA DOS PEQUENINOS

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,7).

Se cremos nessas palavras é o suficiente. Bastaria crermos nisso, e tudo o mais viria por acréscimo. Ao entender corretamente esta sentença de Jesus, quem não se sente na necessidade de recomeçar tudo pelo outro lado, ou melhor, pela base da pirâmide eclesial?

Temos um grande desafio hoje: cerca 70% das comunidades cristãs católicas são privadas da celebração dominical da Ceia do Senhor por falta de ministros ordenados. Somando-se a esse dado, 90% das celebrações dominicais sem padre são presididas ou animadas por mulheres. Quanto tempo ainda levaremos para dar-nos conta de que algo de muito sério está acontecendo?

Refletindo sobre essa problemática, o padre Reginaldo Veloso nos interpela:

Não seria a hora de fazer o caminho do Samaritano e nos apressarmos em ajudar os excluídos e marginalizados da sociedade e das Igrejas a se levantarem e assumirem, com conhecimento de causa e competência, sua dignidade sacerdotal, a vida de suas comunidades, a celebração dos Mistérios da Fé? (Veloso, 2001, p. 241).

O Senhor age na história e nos inspira na caminhada de libertação. Por estas palavras de Jesus: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20), está previamente garantida para todos aqueles e aquelas que resolveram encontrar-se na fé do Senhor e Mestre, fazendo dele a referência de seu existir. Como regra de ouro, temos os textos bíblicos, como a parábola do Samaritano (Lc 10, 25-37), ou, então, o sermão sobre o Juízo Final (Mt 25, 31-46). A vivência desses textos é a marca divinamente registrada da fé em Jesus Cristo e a partilha dos bens, o sinal mais evidente da presença do Ressuscitado.

O que dizer das celebrações vivas e contagiantes dos pobres e iletrados? Não percebemos que nelas passa por aí o direito divino de celebrarem plenamente, do seu jeito, a Ceia do Senhor? O que dizer do texto: “fazei isto em memória de mim”? (1Cor 11, 24). Veloso (2001, p. 243) é irônico ao comentar: “É claro que Jesus não estava ordenando 12 bispos para 12 dioceses do Oriente ou do Ocidente, nem 12 padres para a Arquidiocese de Jerusalém”. Aqui, lidamos com uma grande preciosidade: Jesus, com esta sentença, entregava, a todos os seus discípulos e discípulas, de todos os tempos e lugares, o que havia de mais caro ao seu

coração, a sua própria vida, simbolizada na partilha do pão e do vinho. Era seu memorial para todas as gerações.

É claro que o estilo de celebração hoje retrata o estilo de Igreja que se vive. O biblista e monge Marcelo Barros destaca que, “mesmo se temos em Roma um profeta como o Papa Francisco, em nossos dias, a Igreja Católica vive um inverno rigoroso e tempo de profunda secura espiritual” (Barros, 2019).

Apesar de tudo, “temos sinal de luz no fim do túnel”. Percebemos que, mesmo em meio a tantas dificuldades, cada vez mais aumentam os grupos eclesiais que celebram o ágape ecumênico. A centralidade dessas celebrações está na união fraterna, a partilha do pão e as orações: “E juntaram-se aos outros crentes, participando regularmente no ensino administrado pelos apóstolos, na união fraterna, no partir do pão e nas orações” (Atos 2, 42).

Mesmo em meio ao ambiente eclesial desfavorável, surgem novas formas, mais sinodais, de celebrações laicas do memorial pascal de Jesus na ceia. Nos recordamos da Igreja que se reúne na casa. Como mostra: “à igreja que está em tua casa” (Romanos 16,5; Filemom 1,2). Louvamos ao Deus da vida por existirem grupos de amigos e amigas, famílias que celebram esse ágape ecumênico nas casas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para dar uma parada no meio do caminho, trago uma poesia de José Durán y Durán, poeta espanhol andaluz e diácono da Igreja Católica Romana que, como o teólogo José Comblin (2005), sonhou a Igreja em uma visão de

PIRÂMIDE INVERTIDA:

Nova arquitetura eclesial
Desafia os sonhos faraônicos,
Sepulta autoritarismo hierárquico,
Clericalismo autárquico.

Na base só a Pedra Angular,
Qual mínima semente de mostarda,
A fé de multidão sustentará.

Quebra-se a lógica
Do poder-dominação,
Da ordenação mal entendida,
Entra serviço em erupção.

Os holofotes da autoreferencialidade,
Escurecem com a mentalidade nova
De um Povo em corresponsabilidade.

No centro, só a coluna de fogo do Espírito.
Todos no discernimento,
Decidem as transformações
Dos sinais dos tempos.

Todos na missão,
Percorrem o testemunho Da conversão,
Sustentados na oração.

Florescem pirâmides convertidas
Em círculos da Palavra e Eucaristia
Pequenas comunidades sementes
Na sociedade inseridas
Vital fluxo divino de utopia.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo. **Teologias da Libertação para os nossos dias**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.

BOFF, Leonardo. **Cristianismo: o mínimo do mínimo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

COMBLIN, José. **O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2005.

Francisco, Papa. Discurso do Papa Francisco aos BISPOS RESPONSÁVEIS DO CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (C.E.L.A.M.). Disponível em: <
https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html. Acesso em: 25 nov. 2023.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho; sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus & Loyola, 2013.

PRONUNCIAMENTOS do Papa Francisco no Brasil. São Paulo: Paulus & Loyola, 2013.

VELOSO, Reginaldo. Três palavras de Jesus, ou seja, o clamor litúrgico da periferia. In: SILVA, Ariovaldo; SIVINSKI, Marcelino (orgs.). **Liturgia: um direito do povo**. Petrópolis, 2001.